

São Paulo, 25 de novembro de 1958

Servulo, miseravel:

enfim, depois de não sei quanto tempo, recebi uma --a primeira-- carta que v. se dignou enviar-me, pois a que veio por portador até hoje não me foi entregue. Já estava meio emputecido com você, que escrevia a todo mundo, menos a mim. Não era inveja, porque, afinal, receber uma carta de Paris não dá importância a ninguém. Nem a quem a escreve, nem a quem a recebe. Enfim, comentava sempre com Aldemir e Marcelo o seu pouco caso para com os amigos. Por falar em Aldemir: ontem, dia 24, às 11 e qualquer coisa da manhã, nasceu-lhe a filha, Mariana, com 3.350 gramas. Tudo bem. Está ele satisfeitíssimo. Ontem, encontrei-o na inauguração do bar do MAM. O barzinho, em outro local, ficou formidável, simpático, acolhedor e bem moderno. Houve drinques, isto é, boca livre, para quem gosta de beber a custa do próximo. No "Correio" tudo vai bem. Qualquer dia destes vamos rodar, pela primeira vez, na nova máquina (nova para o João Scantiburgo e suas negras). Enfim, será uma oportunidade de novas incursões através da arte gráfica. Também oficina de gravura. Arre! De saúde --embora v. não me tenha feito pergunta alguma nesse sentido-- não vou lá muito bem. Há qualquer coisa, dentro desta carcaça um tanto castigada pela vida e pelos sentimentos, que não vai bem. Não sei precisamente o que seja e, francamente, não me importa muito sabê-lo. Penso como escrevi, há algum tempo, a uma pessoa amiga: adianta saber-se do que se morre? O importante é morrer, nada mais. Esta vida está muito suja, sem graça, idiota, vazia. Ontem foi a entrega dos "Sacis", do Estado. A coisa foi a grande: solenidade --com duas mil pessoas presentes-- no cine Marrocos, exibição de uma fita que se desenrola na ilha de Ischia e, em seguida, uma farta ceia no Automovel Clube, com os consequentes bebados. Foi, sem dúvida, uma festa bonita. Já se estão dando os primeiros passos para a V Bienal. Profili, dentro em breve, sairá por aí, na peregrinação artística... Como vai Delmiro? Vou escrever a ele amanhã, se houver tempo. Isto aqui está muito ruim: ou calor de rachar (31<sup>o</sup> às 21 horas, como domingo atrasado) ou chuva interminável, como hoje. Mas a cidade continua crescendo e, os homens, piorando. Arnaldo está expondo no novo bar do MAM. Comprei-lhe um quadro. Como é, v. vai ficar por aí? Conseguir renovar a bolsa? Está mesmo aprendendo alguma coisa ou vai voltar mais cabotino, ainda? De cabotinice estamos fartos: basta o Lima Barreto. Veja se volta disposto a trabalhar com humildade, como quem está sempre aprendendo. E é isto mesmo. Estamos sempre aprendendo. Quando não ciência, arte etc., aprendemos a ir morrendo. O que não deixa de ser útil. Tem estado com Cañalcanti? Peço-lhe dizer-lhe que recebi as fotos e o material que me enviou a respeito do filme feito em Veneza. Será aproveitado oportunamente. Estou, apenas, esperando as novas máquinas, para tirar maior proveito de tudo. Ele é amigo, mesmo. "Para os amigos, tudo; para os inimigos, justiça", como proclamava o nosso Cunha Lima. É verdade. Precisamos ser amigos dos amigos; se não, de quem? Traduzi um livro do inglês e os direitos de tradução foram vendidos para Portugal, que já lançou o volume, enquanto nós lutamos com dificuldade de papel, de importação, cambio subindo, preços nas nuvens (só nas nuvens?) e "como sou uma criatura da minha época --é pra época de materialismo" vou reagindo, mergulhando na amizade, na música, na poesia etc. Tem visto Lella Marise por aí? Pelo mesmo correio, deverá seguir uma carta minha para ela. Creio que ela não demorará a regressar, segundo me disse. Aliás, contou-me que iria a uma recepção em seu apartamento. Como v. está chique, meu Deus. Dos cofundós do Ceará a oferecer recepções num elegante apartamento do

Boulevard Beauséjour.... Deixe a turma de Fortaleza saber disso. É o cumulo da grã-finagem, que grita aos céus sem nuvens de Seridó.

Já escrevi muito. Chega, por hoje. Vou, agora, ao cinema. Que mais hei de fazer? Escreverei, logo, ao Cavalcanti.

Diga a Leila Marise --por telefone, embora-- que hoje vai uma carta para ela.

V. não vai voltar, mesmo? E se voltar, não me venha aqui com colete fechado ao lado, como um imbecil se apresentou --como moda masculina-- em Londres. Nós lhe atiraremos pedras, tomates, ovos e tudo o mais que seja culinario.

Maria Teresa Gregori, cada vez mais bonita. Está fazendo um ótimo programa de televisão para as mulheres. Vi algumas vezes.

No mais, chuva.

Ontem, encontrei-me com Paul Silvestre, que recebeu um carro "Renault" 1958, uma lindeza.

Voltaram os planos da revista. Nabor e eu estamos agora assanhados, pois apareceu alguém que acaba de montar uma oficina bem moderna e equipada. Estamos nos primeiros entendimentos. Faltou-nos maquinaria, na última tentativa.

Favor dizer ao Delmir que recebi o cartão dele. Muito obrigado. Escreverei amanhã, pois preciso pedir o endereço ao Xico Sales. Gostei, muito, do que ele mandou sobre a "saison" teatral nessa Paris.

Tudo OK. Beijinhos às crianças. Soubemos que você ia casar-se com a sobrinha do Peter Dalles (?) ou coisa que o valha. Não venha trazendo alguma coisa antipática para cá. Já temos isso de sobra. Basta entrar no bar do Museu para ver a fauna existente. Se decidir vir comboiado, arranje um troço que preste, que seja simpática, simples. De pretensão, estamos fartos com gravadores, poetisas etc.

Um beijo na testa. E até outro dia.

*Inuente*

Endereço:

Rua Piauí, 1081 - ap 1-A